

PAULO FREIRE E INCLUSÃO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Aline Soares Campos¹

Marden Cristian Ferreira Cruz²

Francisca Hisllya Bandeira Cavalcante³

RESUMO:

O propósito deste estudo é refletir sobre a inclusão escolar, tendo como referencial teórico os pressupostos do educador Paulo Freire (1921-1997). Uma reflexão necessária e de certa forma ousada, para celebrar o centenário de vida do educador Paulo Freire. Para a realização desta pesquisa foi utilizada a abordagem metodológica qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), por meio de revisão de literatura. A revisão de literatura priorizou as seguintes obras de Paulo Freire: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996); *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (2001); e *Pedagogia do oprimido* (2011). Neste entendimento, compete ao educador desenvolver uma prática educativa pautada no diálogo, em que a construção do conhecimento precisa se materializar numa relação harmoniosa entre professor e aluno e estes, por sua vez, possam refletir sobre o objeto a ser ensinado e estudado, respectivamente, propondo um processo ensino-aprendizagem inclusivo.

Palavras-chave: Paulo Freire. Inclusão Escolar. Processo Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é refletir sobre a inclusão escolar, tendo como referencial teórico os pressupostos do educador Paulo Freire (1921-1997). Uma reflexão necessária e de certa forma ousada, para celebrar o centenário de vida do educador Paulo Freire, visto que hoje enfrentamos inúmeras dificuldades na implementação das políticas do sistema

¹Mestre em Educação (FACED/UFC). Professora de Educação Física da Rede Pública Estadual do Ceará (SEDUC-CE). Coordenadora Escolar da EEFM Santa Luzia – SEFOR 2. Integrante do FACE e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE/UECE.

²Mestre em Educação Brasileira – UFC. Coordenador Escolar da EEMTI Estado do Paraná – SEFOR 3. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Educação, Teoria Crítica e Filosofia Contemporânea – UFC/CNPq.

³Mestra em História e Culturas (MAHIS/UECE). Professora de História da Rede Pública Estadual do Ceará (SEDUC-CE). Assistente Técnica da Célula de Formação, Programas e Projetos (CEFOP) da Superintendência das Escolas Estaduais do Ceará (SEFOR).

educacional brasileiro, na pauta da educação especial e da inclusão escolar. Assim, a proposta de reflexividade a partir das obras de Paulo Freire sobre o papel social da escola e de seus educadores na perspectiva da inclusão escolar, é uma ação pedagógica necessária e urgente.

Pensar a educação inclusiva significa pensar em uma escola acessível a todos, envolvendo as transformações estruturais, profissionais e críticas, além da qualidade de ensino, auxiliando no desenvolvimento dos sujeitos da educação especial: pessoas com deficiências, transtorno do espectro autista e altas habilidades, respeitando suas particularidades no contexto escolar.

A realização desta discussão justifica-se por entendermos que a educação inclusiva, presente na educação desde 1996 com promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, que estabeleceu os princípios e fins da educação na perspectiva da educação inclusiva, e vem ganhando força cotidianamente, embora ainda haja muitos desafios a serem ultrapassados, por meio da inclusão escolar de pessoas com deficiências, transtorno do espectro autista e altas habilidades nas escolas regulares como forma de promover uma educação para todos, igualitária e justa.

Constatamos que o discurso inclusivo foi elaborado sobre os mesmos princípios da cultura capitalista hegemônica e opressora que impõe cotidianamente, a exclusão a determinados segmentos da população educacional ao acesso e permanência na escola. Assim, Freire (2011, p. 7) explica que: Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, "[...]a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes".

Portanto, esse sistema de ideias impiedosas não pode ser tomado como objeto referencial para a construção de uma escola inclusiva. Fato este que nos impõem modelos educacionais totalmente desconectados da realidade da escola pública brasileira. Esses modelos não consideram fatores presentes no cotidiano escolar que se constituem em verdadeiras barreiras para implementação de um projeto inclusivo. Muitas vezes os desafios, no interior da escola não estão relacionados apenas à deficiência do estudante, diante desta realidade compreendemos que faz-se necessária a presença de Paulo Freire em nosso cotidiano escolar.

Acreditamos que pensar a educação inclusiva significa pensar em uma escola acessível a todos, envolvendo transformações sociais, comprometimento educacional, formação de

professores, apoio das famílias, além da qualidade de ensino, auxiliando no desenvolvimento de cada estudante da educação inclusiva e respeitando suas particularidades.

Atualmente, podemos garantir que a ação educativa freiriana é inclusiva, pois, conforme Freire “O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz” (2001, p. 99).

2 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foi utilizada a abordagem metodológica qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), por meio de revisão de literatura.

A revisão de literatura priorizou as seguintes obras de Paulo Freire: Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996); Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido (2001); e Pedagogia do oprimido (2011).

Observou-se que as obras apontam na direção de entender quais os fundamentos estabelecidos nas práticas pedagógicas cotidianas da educação básica, e o quão importante é manter uma educação com processo ensino-aprendizagem, com práxis inclusivas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É preciso que o professor, no espaço escolar, ao se deparar com práticas bancárias, procure dialogar com seus pares e mostrar aos mesmos que práticas dialógicas são possíveis de serem realizadas, constituindo-se por meio de uma didática reflexiva e fundamentada em uma práxis inclusiva e emancipatória. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (FREIRE, 2011, p. 52). A reflexão sobre a prática pedagógica faz-se essencial ao educador, para que os processos de ensino-aprendizagem sejam inclusivos.

Assim, Freire (2011) enfatiza a importância de um diálogo entre professor e aluno, que representa uma libertação por parte dos sujeitos. “Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2011, p. 93).

Desse modo, é possível pontuar o quanto Freire (2011) se preocupava com uma educação na qual a relação entre educandos e educadores, fosse mediada pelo objeto cognoscente, no processo ensino-aprendizagem. Portanto, é um diálogo inclusivo e reflexivo,

que possibilita uma ação do estudante frente a sua condição de sujeito histórico, transformador de mundo e corresponsável pelas mudanças sociais.

Segundo Freire (1996), o processo ensino-aprendizagem é constituído por formas compartilhadas de construção de conhecimentos de ambos os lados, na relação educador e aluno. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 1996, p. 23). Nesse sentido, o professor precisa se colocar aberto a aprender com seus alunos, possibilitando ao educando se sentir parte de todo o processo. O professor necessita promover e possibilitar em sua prática docente posturas, saberes e fazeres inclusivos.

Nesse sentido, cabe ao professor, entender que ensinar não é somente um repasse de conhecimentos pré-estabelecidos convencionalmente, e sim assumir uma postura de mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento de forma dialógica. Portanto, compete ao professor, conforme Freire (1996), desenvolver em seus educandos a autonomia de ser e de saber, respeitando-o como sujeito social e histórico, colaborando com compreensão e mudanças do mundo social, nos processos inclusivos.

Assim, cabe ao professor reconhecer que sua prática pedagógica possui um papel importante no processo de discutir as diferenças na perspectiva da inclusão escolar. Isso possibilita aos sujeitos uma visão crítica do mundo, promovendo situações desafiadoras, pois o espaço escolar se constitui em um local de humanização. Portanto, na concepção humanizadora defendida pelos aportes freirianos, “[...] fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p. 38), “a prática docente crítica implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p. 38).

É por meio do pensar sobre o fazer que o ato da reflexão crítica sobre a prática produz aprofundamentos ao professor sobre o agir docente, compreendendo que a educação especial e a inclusão escolar devem se consolidar, através das práticas metodológicas e didáticas, no processo ensino-aprendizagem.

Assim, faz-se necessário que o professor assuma uma postura crítica, com enfoque na função de mediador do processo ensino-aprendizagem, contribuindo com a ação, interação e construção efetiva do conhecimento nas práticas pedagógicas inclusivas. A formação permanente dos professores é fundamental no suporte para a reflexão crítica sobre a prática.

“É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as ideais defendidas por Freire, nas obras analisadas, o papel do educador e da escola precisam contemplar diversos saberes necessários à prática educativa, com o intuito de contribuir para a construção da escola integral e do educando e, conseqüentemente, do processo ensino-aprendizagem inclusivo.

Compreendemos que a implementação de uma prática pedagógica de inspiração freiriana prevê a coparticipação de toda a comunidade escolar e uma formação continuada acessível e permanente dos profissionais envolvidos. Reforçando práticas pedagógicas que fortaleçam concepções relacionadas as vivências do cotidiano escolar no contexto da educação inclusiva.

Neste entendimento, compete ao educador desenvolver uma prática educativa pautada no diálogo e no processo ensino-aprendizagem inclusivo. De acordo com Paulo Freire, “[...] se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2011, p. 22).

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rev. e atual: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.